

Uma descrição semântica e pragmática formal das interjeições do português brasileiro

Ariane Teixeira
UFSCar

As interjeições formam uma classe gramatical aberta e heterogênea, cuja função é “expressar sentimentos e emoções do falante”, em geral, esses itens são exemplificados por: “oba!”, “tomara!”, “puxa!”, “meu Deus!”, entre outros. Essa definição é intuitivamente válida, contudo é imprecisa para abarcar uma classe tão produtiva quanto à sua funcionalidade e tipologia, aliás, não é difícil encontrarmos trabalhos, entre os poucos que há, que situam as interjeições na periferia da língua. O mais importante, no entanto, é que essa concepção diz muito pouco sobre esses itens, tendo em vista que (i) nem todas as interjeições têm como função expressar sentimentos e emoções, pois elas podem ser usadas para outras funções, como, por exemplo, com a intenção de chamar a atenção de alguém (“psiu!”); e mesmo que a ideia de expressar sentimento seja necessária para definir esses itens, ela não é suficiente para tanto, simplesmente porque (ii) podemos expressar sentimentos e emoções com palavras de outras classes. Soma-se a isso a relativa falta de estudos sobre as interjeições, ainda mais em teorias formais, se comparada aos estudos dedicados a outros tipos de itens. É justamente devido à escassez de estudos e às usuais concepções vagas sobre as interjeições, aliadas à sua grande produtividade, que nos motivaram a investigá-las e propor uma forma de análise e tratamento a esses itens por meio das ferramentas da semântica e da pragmática formais das línguas naturais. A metodologia é hipotética – dedutiva, portanto contaremos com os dados disponíveis e a intuição de falante nativo para avaliar as teorias de modo a serem falseáveis. Buscamos na literatura autores que se dedicaram a falar sobre este tema, nos fornecendo parâmetros de aplicação de análises, teorias e classificações das interjeições do português brasileiro, e trazendo como resultado um olhar mais pormenorizado sobre esses itens. A partir de uma abordagem formal nosso percurso investigativo das interjeições do português brasileiro inicia com o trabalho de Ameka (1992; 2006), sendo que o seu trabalho é retomado por outros autores. Ameka (1992) propõem uma classificação: as interjeições primárias e as secundárias. As primárias são aquelas palavras comumente conhecidas como pertencentes a essa classe como “oba!”, “putz!”, “tsk, tsk!”, “psiu!”, entre outras, e que não têm outra função a não ser a de ser uma interjeição. Por sua vez, as interjeições secundárias são compostas por um ou mais item linguístico que pertence à outra categoria gramatical, e que é *usada* como interjeição, por exemplo, podemos pensar em construções como “meu deus!”, “minha nossa senhora!”, etc.; Ameka (1992) também trata das principais características das interjeições, em resumo, temos que esses itens são intrinsecamente ligados ao falante que o proferiu; algumas interjeições primárias apresentam uma “anomalia fonológica”; não sofrem derivação ou flexão morfológica; algumas interjeições são acompanhadas por gestos físicos ou apontamentos; e são considerados como uma sentença. Esta última característica é desenvolvida no trabalho de Wilkins (1992), por meio de interessantes argumentos o autor afirma que as interjeições podem ser

entendidas como sentenças que contém elementos indexicais não explícitos e tais elementos são recuperadas no contexto de proferimento, ou seja, no extralinguístico. Por exemplo, “oba!” pode ser substituído semanticamente por “eu estou feliz” esta sentença contém um elemento indexical, no caso “eu”, ou seja, o agente do contexto, seu referente é recuperado contextualmente. Para trabalhar com a ideia de indexicais recorremos ao renomado trabalho de Kaplan (1989), segundo o autor os indexicais, em geral, são pronomes pessoais, demonstrativos, alguns advérbios, entre outros, tais itens linguísticos precisam recorrer ao contexto de proferimento para fixar seus referentes, cuja referencia varia em função do contexto. Para Kaplan (1989) contexto é uma unidade informacional que contém informações contextuais que são o agente do contexto (c_a), tempo (c_t), lugar (c_l) e o mundo possível (c_w) de um dado contexto. No nosso percurso investigativo juntamos a ideia de Wilkins, que as interjeições são como sentenças que possuem elementos indexicais elididos que são recuperados contextualmente, com a teoria de indexicais, nos fornecendo suporte para avançarmos as discussões na direção de que as interjeições são um tipo de indexical e possuem conteúdo expressivo. Para desenvolver esta ideia prosseguimos com Kaplan (2004), que aborda sobre os itens que possuem conteúdos descritivos e expressivos, para o autor itens como as interjeições possuem somente conteúdo expressivo, isto é, o conteúdo expressivo não pode ser avaliado pelas condições de verdade, como as sentenças descritivas, pois é uma opinião, sentimento, emoção por parte do falante. Para corroborar essa ideia aplicamos os testes de Potts (2005; 2007), e, com tais testes foi possível observar o comportamento das interjeições como sendo um expressivo e também testes de discurso reportado (direto e indireto). Em resumo, nosso trabalho fornece uma descrição, classificação e análise formal das interjeições do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

- AMEKA, F. (1992) Interjections: The universal yet neglected part of speech. *Journal of Pragmatics* 18: 101-118.
- _____. (2006). Interjections. In K. Brown (Ed.), *Encyclopedia of language & linguistics* (2nd ed., pp. 743-746). Oxford: Elsevier.
- KAPLAN, D. (1989/1977). Demonstratives. In: J. ALMOG, J. PERRY and H. WETTSTEIN (eds.) *Themes from Kaplan*, pp. 481-563. New York: Oxford University Press.
- KAPLAN, D. (2004). *The meaning of ouch and oops*. Los Angeles: University of California.
- POTTS, C. (2005). *The Logic of Conventional Implicatures*. Oxford: Oxford University Press.
- _____. (2007). The expressive dimension. *Theoretical Linguistics* 33(2): 165–197.
- WHARTON, T. (2003). Interjections, language and the “showing”/”saying” continuum.

Pragmatics and Cognition 11(1); 39-91.

WIERZBICKA, A. (1992). The semantics of interjection. *Journal of Pragmatics* 18: 159-192.

WILKINS, D. (1992). Interjections as deictics. *Journal of Pragmatics* 18: 119-158.